

[Oracula, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007]
ISSN 1807-8222

IMPÉRIO ROMANO, MOVIMENTOS DE PROTESTO E JESUS UMA ABORDAGEM RELACIONAL SEGUNDO RICHARD HORSLEY

Fernando Lopes de Aquino*

Resumo

Diante da diversidade de resultados das pesquisas do Jesus Histórico, é importante perceber o quão surpreendentes são algumas considerações quando se avalia a política imperial dos romanos, as regiões dominadas e a figura de Jesus sem a devida relacionalidade que qualquer ambiente minimamente politizado produz.

Palavras-chave: Império romano, movimentos de protesto, Jesus, relacionalidade.

Abstract

Before the diversity of results of the Historical Jesus research, it is important to perceive how surprising are some considerations when one evaluates the imperial politics of the Romans, the dominated regions, and the figure of Jesus without the proper relationality that any minimum politicized environment produces.

keywords: Roman Empire, protest movements, Jesus, relationality.

INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre o Jesus Histórico, ou outros personagens ilustres de nossa cultura, trazem em suas considerações pressupostos nitidamente modernos e ocidentais. Compreender e avaliar a história peculiar da figura de Jesus e de seu contexto imediato é, nas considerações de Richard Horsley, professor de línguas clássicas e religião na Universidade de

* Sétimo período da graduação em Teologia e terceiro período da graduação em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Integrante do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã. Endereço eletrônico: fernando_ldaquino@yahoo.com.br.

Massachusetts (Boston), um quesito determinante. Para essa tarefa, o autor procura desenvolver um método “histórico-relacional” entre as condições político-sociais criadas pela dominação romana, os protestos populares e, por fim, Jesus em sua prática e proposta.

Nas condições históricas particulares que haviam criado uma crise para os antigos povos da Judéia e da Galiléia, é imprescindível compreender como as práticas e efeitos do imperialismo romano transformaram o contexto imediato de Jesus, em um período de grandes revoltas e protestos que tornam sua figura uma entre outras mais. Dessa forma, Horsley revê as propostas de Jesus no evangelho de Marcos e nos discursos da Fonte Q, seguindo uma temática que aborde o “Reino de Deus” como julgamento dos governantes e renovação de Israel, proposta que se identifica com as correntes anti-imperialistas do século I d.C. e que rompe com os paradigmas de algumas interpretações modernas que despolitizam o império romano, a sociedade camponesa e Jesus.

Relacionalidade entre o império romano, movimentos de protesto e Jesus

Ao introduzir o leitor no percurso da busca pelo Jesus Histórico ao longo dos anos Gerd Theissen¹ inicia seu manual com as seguintes palavras: *Quanta autonomia intelectual é necessária para transformar essa figura em objeto de crítica histórica!* Porém, mais adiante dirá: *A diversidade de imagens de Jesus levanta a suspeita de que os retratos de Jesus sejam, na verdade, auto-retratos de seus autores.*²

Tendo em vista essa complexidade, Horsley³ passará a considerar alguns dos pressupostos que envolvem a pesquisa em questão, sobretudo naquilo que diz respeito à despolitização de Jesus, da Galiléia e Judéia, e por fim, despolitização do império romano. Tanto entre os primeiros bispos da igreja cristã, como Melito de Sardes e Orígenes, por exemplo, como em algumas introduções ao Novo Testamento contemporâneas, persiste a percepção do império como meio facilitador no processo de transmissão da mensagem cristã.⁴

No âmbito geral da busca pelo Jesus Histórico, consideramos que Horsley se situa na chamada *Third Quest*, configurando seu “método histórico-relacional” de forma a avaliar até que ponto as figuras de Jesus então descritas resultam de paradigmas “modernos e

¹ Cf. THEISSEN, Gerd & MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

² Idem, p. 31.

³ HORSLEY, Richard. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴ Cf. WENGST, Klaus. *Pax romana: pretensão e realidade. Experiências e percepções em Jesus e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1991.

ocidentais” pautados pelo individualismo, cientificismo e separação entre religião, política e economia. Para ele, são múltiplos os aspectos claudicantes ao abordar a figura histórica de Jesus. Mesmo de forma irônica, ele dialoga com o tema da destacada obra de J. D. Crossan e revela sua pretensão:

(...) imagine um livro chamado *Martin Luther King Histórico: Vida de um Cidadão Norte-Americano Negro da Geórgia*, baseado exclusivamente nas palavras ditas por ele, mas tiradas do contexto dos seus sermões e discursos proferidos em comícios no movimento pelos direitos civis.⁵

Continuando, dirá o que compreende como “abordagem adequada”:

Procuramos compreender como, (1) nas condições históricas particulares que haviam criado uma crise para os antigos povos da Judéia e da Galiléia (2) e partindo da tradição cultural israelita na qual esses povos estavam inseridos, (3) Jesus emergiu como líder (4) assumindo/adaptando um papel social específico (5) em interação com pessoas particulares que responderam formando um movimento que se tornou historicamente significativo.⁶

Horsley pondera que a interpretação da figura de Jesus segundo os paradigmas de um mestre religioso inócuo se deve principalmente à “imprecisão” por parte das pesquisas sobre as condições históricas particulares que envolviam as ações de Jesus. Dito com suas palavras, isso significa “fracasso em pesquisar, nos termos mais precisos possíveis, as condições históricas particulares em que Jesus agia”.⁷ Fora o tom carregado de *racionalismo* que tal expressão traz, vale a ressalva para uma análise mais abrangente do contexto social do qual emerge o cristianismo primitivo e a figura de Jesus.

Houve críticos que o tomaram como que valorizando demasiadamente o ambiente revolucionário na Galiléia de Jesus. Mas o fato é que em *Jesus e o Império*, Horsley acaba sistematizando um quadro relacional entre o império romano, movimentos de protestos e Jesus em sua prática e proposta. Essa relacionalidade descrita por Horsley confirma, em certo sentido, o que A. J. Overman⁸ descreve como fragmentação e facciosidade ao dissertar sobre a natureza sectária do judaísmo no período de 165 a.C. a 100 d.C., deixando

⁵ O que se segue é, segundo Horsley, uma reverência a proeminência do livro de Crossan. Cf. CROSSAN, J. Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago 1994; HORSLEY, p. 62.

⁶ HORSLEY, p. 63.

⁷ Idem, p. 19.

⁸ OVERMAN, Andrew J. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Edições Loyola, 1997 (Col. Bíblica Loyola – 21), p. 21.

evidente que os fatores de agitações e divisões sociais eclodem a partir do duro tratamento recebido de dominadores estrangeiros e governantes locais.

Compreender as práticas e efeitos do imperialismo romano se faz necessário porque a atuação política de Roma sobre a região, direta ou indiretamente através de seus reis clientes, fora um fator determinante nas condições de vida da Galiléia e da Judéia, sobretudo entre os camponeses, aonde Horsley identifica Jesus e seu movimento, e ainda, um entre outros movimentos que se concretizaram a partir de uma perspectiva revolucionária, contrária à ordem imposta pelos romanos.

O império romano iniciou sua ação na região da Palestina décadas antes de Jesus. Invadiu a região queimando aldeias e cidades, escravizando os sadios e eliminando os incapazes. Como confirma Overman⁹, a postura romana nem sempre era a de manter um governo direto sobre as regiões conquistadas. Portanto, é um período em que os comandantes militares iniciam um processo comum de manter em regiões conquistadas “reis clientes” tirados da própria população local. Em 40 a.C., o jovem Herodes é escolhido como rei. De 37 a 4 a.C., ele controla o povo com extremo requinte de crueldade, não permitindo nenhum tipo de hostilidade e exigindo as mais variadas formas de lealdade à sua administração. Quanto ao tributo que cobrava, basicamente era exigido a fim de custear as numerosas construções em estilo helênico e de agradar a Roma com mimos diversos. Ao findar de seu reinado, o povo estava economicamente “exausto”. Essa pesada carga de tributos torna-se, para Horsley, um dos principais fatores para a organização e revolta camponesas, que embora tenha sido policiada e reprimida durante todo o reinado de Herodes, com sua morte, em 4 a.C., explode em descontentamento de forma abrupta, sendo contida apenas através da intervenção direta dos romanos.

Com a divisão do reino, Herodes Antipas (4 a.C. – 39 d.C) é estabelecido como tetrarca das regiões da Galiléia e da Peréia. Herodes Arquelau recebe o governo da Judéia e Samaria, mas 9 anos depois é deposto e a região passa a ser governada pelos romanos. Este é o contexto imediato de Jesus. É um período de revoltas e protestos cada vez maiores. Como cita Horsley em um de seus livros mais conhecido entre o público brasileiro, e no qual mais desenvolveu o processo de relações entre a dominação estrangeira e os movimentos populares de protestos,

⁹ Idem, p. 41.

todo o período do governo romano direto de 6 a 66 d.C. foi marcado por um descontentamento generalizado e periódica turbulência na sociedade judaica palestinese. Este tempo é de especial interesse para os cristãos porque forma o contexto da vida e da atividade de Jesus, e para os Judeus porque constitui o prelúdio imediato da formação do Judaísmo rabínico.¹⁰

Um exemplo que ajuda a ilustrar o descontentamento aqui tratado ocorre após a morte de Herodes. O povo clamou a Arquelau pedindo alívio dos pesados impostos e libertação de alguns prisioneiros. Ele, que acabara de reivindicar o trono de seu pai, aparentemente ouviu o clamor. No entanto, as exigências cresceram e, querendo demonstrar sua força para silenciá-las, acabou apedrejado junto de sua corte militar. A resposta foi imediata, posto que lançou todo seu exército contra o povo. Nos registros de Josefo, 3.000 pessoas morreram em consequência disso.

Arquelao comprendió que su poder estaba en peligro, si no lograba reprimir los excesos de la multitud. Envio a todos sus soldados y a la caballeria, esta ultima para impedir que los que se encontraban afuera acudieran a ayudar a los que estaban en el templo y para que fuesen detenidos los perseguidos por los soldados. Es así como fueron muertos por la cabalaria cerca de tres mil hombres.¹¹

Sob o governo dos romanos nos sobram exemplos de como eles poderiam ser cruéis; ainda através dos relatos de Josefo encontramos vários deles. Um dos eventos mais conhecidos acontece sob o governo de Cumano XLVIII – 52 d.C., quando ao celebrar a páscoa sob a supervisão atenta dos romanos, “un soldado descubrió su sexo y lo mostro a la gente. Los que vieron se irritaron, y dijeron que no eran ellos los insultados, sino Dios”.¹² O povo ficou enfurecido e pediu a Cumano que castigasse o soldado. Ao contrário do que eles queriam, a reação do governador foi outra e mais de 25.000 morrem neste episódio.

Cumano ordeno a todas las tropas que, tomando las armas, se concentraran en la fortaleza Antonia (...). La multitud a la vista de los soldados, aterrorizada, se apresuro a huir, como las salidas eran estrechas y creían que los enemigos los perseguía, muchos de ellos perecieron en estos lugares angostos. Hugo veinticinco mil muertos em aquel tumulto.¹³

¹⁰ HORSLEY, Richard. *Bandidos, profetas e messias: movimientos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 47.

¹¹ JOSEFO, Flavio. *Antigüedades Judías* 18.9.

¹² JOSEFO, *AJ* 20.5.

¹³ Idem.

Os romanos não tinham o mínimo de pudor ao afirmar sua pretensiosa superioridade diante de outros povos e desprezar as demais culturas, incluindo, de certo modo, os gregos. Sobre os judeus – Cícero e Lívio, por exemplo – grandes oradores romanos os consideravam “escravos por natureza”.¹⁴

Para eles, era motivo de orgulho sujeitar povos “exóticos” e distantes. Alguns louvavam o império dizendo que suas fronteiras alcançaram os limites da terra. O controle de povos considerados menos “civilizados” era mantido pela violência. Jesus foi levado à morte por execução na cruz, pela força de ocupação romana. Sua morte significava paz ao império. Uma paz manchada de sangue.

O conceito de paz para os romanos era solidificado pelas vitórias. O aspecto militar estava em primeiro lugar. É uma paz querida politicamente pelo imperador e seus funcionários mais altos, estabelecida e garantida militarmente pela intervenção das legiões. Os romanos glorificavam a conquista e a vitória. Criavam verdadeiros desfiles para expor seu poder militar, bem como para humilhar os conquistados e mostrar seus despojos. A glória da vitória era o horror dos vencidos.

Na verdade, toda a tradição e modo de ser dos romanos consistiam em manter sua segurança em primeiro lugar. Para isso, conquistavam com poder e exigiam ou extraíam *Fides/pistis* = *lealdade, submissão e respeito*. Deixar de vingar uma derrota ou punir uma revolta com violência seria um convite à ruína. Crucificações, chacinas e escravidão, massacres de cidades e extermínios de povos inteiros eram tentativas intencionais de aterrorizar os povos conquistados.

A cruz era uma forma terrível de tortura e humilhação, basicamente uma maneira dolorosa de execução aplicada a escravos arrogantes e provincianos rebeldes. As vítimas não eram enterradas, sendo deixadas simplesmente nas cruzes como carniça para animais selvagens e aves de rapina.

Forçar os povos conquistados a reverenciar e adorar os estandartes do exército militar também fazia parte das muitas maneiras de humilhação. Temos o exemplo de Pilatos, um governador extremamente arrogante e insensível. Durante uma noite, ele introduziu as

¹⁴ Sobre este aspecto, ver o clássico estudo de Klaus Wengst, *Pax Romana...*

escondidas em Jerusalém imagens de César conhecidas como estandartes. Quando o povo se deparou com aquilo,

Se dirigió a Cesárea en gran número y pidió a Pilatos durante muchos días que trasladara las imágenes a outro lugar. El se negó, diciendo que seria ofender al César; pero puesto que no cesaban en su pedido, el día sexto, después de armar ocultamente a sus soldados, subió al tribunal, establecido en el estadio, para disimular al ejército oculto. En vista de que los Judíos insistían en su pedido, dió una señal para que los soldados los rodearan; y los amenazó con la muerte, si no regresaban tranquilamente a sus casas. Pero ellos se echaron al suelo y descubrieron sus gargantas, diciendo que preferían antes morir que admitir algo en contra de sus sabias leyes. Pilatos, admirado de su firmeza y constancia en la observancia de la ley, ordeno que de inmediato las imágenes fueran transferidas de Jerusalén a Cesárea.¹⁵

Essas são formas da população, de modo geral, demonstrar sua insatisfação com a condição humilhante que os governadores estrangeiros ou locais lhes destinavam. Humilhações que incluíam as diversas formas do viver, ou seja, expressão religiosa e liberdade político-econômica que, de modo diferenciado da cultura moderna e ocidental, faziam parte de um mesmo todo na Palestina de Jesus.

Outro ponto fundamental inclui a maneira de imperadores e comandantes militares crescerem em arrogância e fortuna à custa das regiões conquistadas. Reis e sacerdotes destinados por eles também seguiam o mesmo exemplo – uma espiral crescente de corrupção e ganância mantida basicamente pela população camponesa extorquida através de impostos e outros tributos. Para termos uma noção da arrecadação anual de alimentos destinados à capital do império e de como os camponeses eram forçados a produzir para outrem, citamos Horsley mais uma vez:

No nível mais fundamental, o sistema imperial precisava prover as massas urbanas de Roma (e de outras metrópoles) de víveres (...). O total de importações de trigos apenas para Roma estava entre 200.000 e 400.000 toneladas anuais.¹⁶

Também a concepção romana da guerra revela o quadro nefasto criado por sua política imperial. Isso foi muito bem descrito por Klaus Wengst em seu estudo sobre a *Pax*

¹⁵ JOSEFO, *AJ* 18.3.

¹⁶ HORSLEY, p. 31.

romana.¹⁷ Neste estudo, o autor soube revelar que a primeira pretensão romana ao dominar um povo consistia em lhe expropriar toda sua riqueza e produção, a saber, “fazia de acordo com o direito do vencedor”.¹⁸ O governo romano saqueava e explorava continuamente, como se isto lhe coubesse por direito.

Formas de banditismo social emergem quando os camponeses são explorados por seus governantes e pelos grandes proprietários de terras, o que ocorria de forma desenfreada durante o domínio romano. Predominantemente, eram uma maneira do meio rural protestar. Baseando-se em suas tradições, aspiravam uma outra forma de construir a sociedade. No contexto imediato de Jesus esse comportamento era habitual, como já reiteramos nos exemplos acima.

Compreender as freqüentes resistências do contexto palestino demonstra que a figura de Jesus não fora tão rara e também nos faz perceber “formas sociais muito sugestivas por suas semelhanças com temas importantes na pregação e prática de Jesus”.¹⁹ E, ainda, revela-nos um ambiente altamente politizado, repleto de tumultos, protestos e revoltas (abertas e ocultas).

É a partir desse quadro contextual que Horsley observará os inúmeros efeitos das práticas imperiais como um pano de fundo para as futuras considerações e base inequívoca para relacionar o surgimento dos movimentos de protestos e da proposta de Jesus. De acordo com o autor, as tradições israelitas gravadas na memória do povo instigavam cada vez mais o desejo por uma construção social moldada pelas diretrizes da aliança mosaica. Ainda que este seja um ponto complexo e não muito desenvolvido pelo autor em *Jesus e o Império*, Horsley parece ter neste substrato cultural uma pedra de toque para o ânimo revolucionário que permeia a Galiléia e a Judéia desse período.

Horsley revê as propostas de Jesus no Evangelho de Marcos e nos discursos da Fonte Q, seguindo uma temática que aborda o “Reino de Deus” como julgamento dos governantes e renovação de Israel. Segundo ele, Marcos concentra-se mais nas curas e exorcismos como parte do programa de renovação do povo, enquanto os discursos de Q relacionam o julgamento divino com a vinda do reino de Deus. São duas partes de um mesmo todo.

¹⁷ WENGST, *Pax Romana...*

¹⁸ Idem, p. 46.

¹⁹ Ibid., p. 19.

Renovação de Israel como realização do reino de Deus é julgamento dos governantes opressores e renovação profética do povo. Para Horsley isto é “uma adaptação particular de um padrão comum profundamente arraigado na cultura israelita e ainda presente nos tempos romanos”.²⁰ Este padrão, comparado com tradições escribais, por exemplo, revela que Jesus seguiu uma perspectiva camponesa e estava muito mais em sintonia com as correntes anti-imperialistas que persistiam em suas lutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos políticos e religiosos do contexto analisado não poderiam ser de forma alguma absolutizados ou percebidos de maneira reducionista, como se fosse possível simplificar o ambiente social de Jesus e desconsiderar a diversidade do mundo antigo, em especial, a palestina do século I. Estes pressupostos envolvem analisar as relações que os movimentos de protesto à ordem imperial mantiveram com os representantes do império e com Jesus. Como em Horsley,

O contexto palestino imediato da missão de Jesus era altamente politizado, entremeado periodicamente de tumultos e protestos, movimentos e revoltas abertas contra a ordem imperial imposta pelos romanos. Querer entender a missão de Jesus sem uma consciência da frequência e intensa revolta à “nova ordem mundial” entre galileus e judeus seria como tentar compreender um movimento renovador islâmico contemporâneo no Oriente Médio sem consciência do descontentamento generalizado e de uma diversidade de movimentos, até de organizações terroristas.²¹

Como personagem histórico, Jesus possivelmente fora influenciado por seu ambiente social, criando relações com os grupos políticos e religiosos, e estabelecendo uma proposta para a situação que enfrentava. Sendo assim, relacionar estes tópicos se torna fundamental para a pesquisa de sua figura e contexto.

²⁰ HORSLEY, *Jesus e o império...*, p. 88.

²¹ Idem, p. 19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (orgs.). *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2006.

CROSSAN, J. Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

GOODMAN, Martin. *A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma, 66 – 70 d.C.* Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HORSLEY, Richard. *Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.

JOSEFO, Flavio. *Antiguedades Judías*.

OVERMAN, Andrew J. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Edições Loyola, 1997 (Col. Bíblica Loyola – 21).

THEISSEN, Gerd & MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WENGST, Klaus. *Pax romana: pretensão e realidade: experiências e percepções em Jesus e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.